

AvóDezanove
e o segredo
do soviético

[...] azul porque o crepúsculo mais tarde talvez fosse azul, faz de conta que fiava com fios de ouro as sensações, faz de conta que a infância era hoje prateada de brinquedos [...]

Clarice Lispector, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*

ONDJAKI

AvóDezanove
e o segredo
do soviético

Romance

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2008 by Ondjaki e Editorial Caminho, SA, Lisboa

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas/Ministério da Cultura de Portugal.



Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Mariana Newlands

Foto de capa

© Altrendo Images/ Getty Images

Revisão

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ondjaki

AvóDezanove e o segredo do soviético : romance / Ondjaki.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1470-2

1. Romance angolano (Português) I. Título.

09-04384

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura angolana em português 869.3

11^a reimpressão

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

 /editoraseguinte

 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinteoficial

— *Gritos azuis? Nunca ouvi falar.*

— *São palavras gritadas no fundo do mar, as crianças é que sabem. Os pássaros também.*

— *E os peixes?*

— *Os peixes ainda não sabem gritar bem. Devem ser de outra cor, as palavras dos peixes.*

— *Tu já gritaste no fundo do mar?*

— *Tantas vezes. Queres experimentar?*

A explosão até acordou os pássaros adormecidos nas árvores e os peixes devagarosos do mar — aconteceram cores de um carnaval nunca visto, amarelo misturado com vermelho a fingir que é laranja num verde azulado, brilhos a imitar a força das estrelas deitadas no céu e barulho tipo guerra dos aviões Mig. Era afinal uma explosão bonita de ser demorada nos ruídos das cores lindas que os nossos olhos olharam para nunca mais esquecer.

Nós, as crianças, ficamos a olhar o céu se encher de umas maravilhas acesas como se todos os arcos-íris do mundo tivessem vindo a correr fazer um brinde no tecto da nossa cidade escura de Luanda.

Uma explosão podia ser tão bonita, e as nossas bocas abertas testemunhavam um silêncio de pessoas perto de um barulho desenhado nas alturas dos pássaros todos que nessa noite aprenderam que o mundo era um lugar muito estranho, com pessoas de tantas nacionalidades e que em Luanda tudo podia mesmo acontecer de repente.

Foi na PraiaDoBispo, no largo onde havia a bomba de gasolina, perto da entrada da famosa obra do Mausoléu.

De tanto olharem as cores com barulhos voadores no céu iluminado, poucos notaram que a enorme obra, que os mais-velhos diziam ser vertical, alta e com figura de um foguetão, essa obra de tantas tarefas com poeira e mil trabalhadores cansados, tinha começado a não existir mais, sobrando apenas uma poeira cinzenta que demorou muito tempo a baixar.

Tudo aconteceu muito perto de casa da minha Avó Agnette, mais conhecida na Praia Do Bispo por Avó Dezanove.

Foi num tempo que os mais-velhos chamam de antigamente.

Em frente à casa da Avó Agnette fazíamos desenhos no chão para depois fugirmos dos camiões de água que vinham ao fim da tarde para acalmar a poeira.

Era um largo grande, com uma bomba de gasolina no meio, que virava rotunda para camiões e carros darem a volta a fingir que a cidade era grande.

O camarada Vendedor De Gasolina podia dormir muito durante o serviço porque a bomba nunca tinha gasolina. Só acordava com as falas do maluco Espuma-Do-Mar:

—Essas estrelas que caem de repente têm nome: são estrelas calientes, e isto não é discurso de diamba, sei o que tou a falar com a minha boca de tantos dentes...

Do outro lado da bomba, estavam as gigantescas obras do Mausoléu, um lugar que andavam a construir para guardar o corpo do camarada presidente Agostinho Neto, que andava estes anos todos bem embalsamado por uns soviéticos craques nessa arte de manter uma pessoa ainda com bom aspecto de se olhar.

Atrás das obras, do lado de lá do nosso largo, ali onde a poeira não conseguia nunca aterrar, ficava essa coisa

linda que todos dias me ensinava a cor azul: o mar grande, mais conhecido por oceano.

— Vocês falam estrelas cadentes, mas eu conheço os dicionários todos da língua angolana e da cubana. Estrelas calientes são fenómenos dos céus do universo escuro, a poeira cósmica e etcetera... Seus patetas que nunca andaram nas escolas universitárias!

Nós, as crianças, ríamos gargalhadas redondas que quase se viam desenhadas no ar. Ficávamos calados em espanto e magia a ouvir as frases do camarada maluco.

— Aprendam meninos, há dois céus: o céu azul que pertence aos nossos olhos e às asas dos aviões e dos passarinhos. E existe um céu negro que é tão grande como um deserto.

Quase não tínhamos medo do EspumaDoMar, nunca que tinha feito mal a ninguém só.

— As estrelas calientes derreteram com os calores do sol e por isso caem em direção ao planeta mundo. Nuestro planeta es el unico que tiene agua para elas arrefecerem outra vez. São estrelas calientes, e um dia, depois de arrefecidas, juro, esas estrellas van a querer volver a casa...

Ele arrastava os panos e ia embora a rir um riso nervoso que também podia ser choro, cada vez mais rápido quase a correr, a levantar poeiras com os pés dele descalços, a ir sempre em frente como se fosse entrar no mar.

— Ainda vamos ver essas estrelas subirem, da terra para lá em cima, nos céus que dormem longe vestidos de brilhos brilhantes...

Na nossa varanda poeirenta, a AvóCatarina, irmã da AvóAgnette, aparecia devagar vestida de preto no antigo luto dela e os cabelos branquinhos como algodão fofo.

— Ainda de luto, dona Catarina? — perguntava a vizinha Dona Libânia.

— Enquanto a guerra durar no nosso país, comadre, todos os mortos são meus filhos.

A Avó Nhé regava as plantas, os arbustos e as árvores com um fiozinho de água que aparecia às terças e quintas-feiras. Regava a goiabeira e a figueira, a árvore de sape-sape, as rosas, a palmeira e a mangueira. Depois molhava as escadas e as flores dos vasos.

— Meninos!, todos para dentro. Está na hora do lanche.

A hora do lanche era uma coisa complicada para nós: tínhamos que ir lavar os sovacos, as mãos e a cara antes de sentar à mesa. Comíamos meia fatia de pão, meia banana e um copo de água.

— Quem quiser pode também fazer ngonguenha mas com pouco açúcar que está quase a acabar.

Às vezes no caminho apanhávamos goiabas ou mangas que os morcegos tinham esquecido de atacar. Pouco depois das cinco, o camião com água dos soviéticos ia passar para acalmar a poeira da rua e dos passeios.

Um dos primos ficava com a missão de estar atento aos barulhos. O camarada Vendedor De Gasolina acordava quando, dentro das obras do Mausoléu, o condutor soviético ligava o camião da água. Era o sinal. O maluco Espuma Do Mar aparecia no portão da casa dele com um chicote pequenino a baloiçar com o vento nas pernas dele.

— Avó Catarina, é verdade que o Espuma Do Mar tem um jacaré guardado no quintal dele, na casota do cão?

— Pode ser — a Avó ria.

— E jacaré cabe numa casota de cão?

— Se for pequenino.